

Corpos, Violências E Algumas Obstinações Feministas

Bodies, Violence and Some Feminist Stubbornnesses

Cuerpos, Violencia y Algunas Obstancias Feministas

Anita Guazzelli Bernardes

Josemar de Campos Maciel

Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, MS, Brasil

Camilla Fernandes Marques

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)/Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, MS, Brasil

Neuza Maria de Fátima Guareschi

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

Este Dossiê II é uma continuidade das reflexões que apresentamos no Dossiê, publicado pela Revista Estudos Avanzados (Dez, 2023). São textos que se propõem a percorrer caminhos pelas humanidades do sul global, de modo a criar formas de reconhecimento e pertencimentos de produções, experiências, histórias, memórias que nos aproximam e ao mesmo tempo nos singularizam. A história desses dois Dossiês faz parte da composição de uma rede de pesquisadoras/es, instituições, territórios, movimentos sociais, corpos humanos e não humanos que se cruzam desde 2019 para pensarem juntos maneiras outras de hospitalidades da vida e da produção de conhecimento. Esta composição se inicia por um Edital de pesquisa brasileiro (EDITAL CAPES/COOPBRASS Nº 05/2019), embora tenha sido efeito de configurações rizomáticas anteriores que inspiraram a possibilidade e criaram condições de afetos para montarmos um projeto coletivo, que tem entre seus objetivos a formação de uma rede no e com o sul global.

Neste ano de 2024, quando finalizamos a Apresentação do Dossiê II, passados quase 5 anos do projeto, temos acompanhado a intensidade crescente de alguns eventos climáticos que nos aproximam daquilo que fala dos nossos tempos e dos que nos desafia como presente,

apesar de nossos antepassados, sejam eles povos originários, tradicionais, ou mesmo pesquisadoras/es que desde 40 anos atrás, mais ou menos, já nos alertarem: certos esgotamentos dos modos como vivemos. O mais próximo de nós são as águas que invadiram o Rio Grande do Sul e toda a tragédia que veio com elas. Assim, também recentemente vivenciamos no Chile incêndios que devastaram a cidade de Valparaíso (2023) e a previsão de que as Cordilheiras podem “secar”, assim como a Amazônia e o Cerrado brasileiros; Afeganistão e Paquistão em 2024, assim como o sul do Brasil foram devorados por águas torrenciais. Além disso, insistem movimentos de extrema-direita seja no Norte ou no Sul Global, marcando violências que parecem nos jogar a períodos em que laços de direitos humanos não estavam minimamente salvaguardados. Esses eventos da natureza e dos humanos não são novos, mas a Terra tem sido cada vez mais didática e peremptória para nos apontar suas condições para viver.

Optamos por iniciar esta apresentação escrevendo sobre dois pontos do nosso presente relativo às condições para o viver e àquilo que nos ocupa como urdiduras diretas/indiretas do projeto: as violências dos efeitos das mudanças climáticas e das relações humanas. As mudanças climáticas são mudanças da vida, impactam de modos distintos os territórios, as formas de viver e se relacionar com aquilo que até o momento vem organizando pessoas, grupos, povos, coletivos, entre outras modalidades de estar na Terra. As violências das quais certos corpos estão sistematicamente sendo alvos, mais do que outros, também assombram cotidianos, impedindo/constrangendo as liberdades de circulação e possibilidades de viver de certas vidas.

Quando nos encontramos com debates que operam no âmbito tecnológico, de modo a criar cada vez mais tecnologias para controle de eventos climáticos e da segurança para o viver, entendemos que o que está em jogo não é a segurança da Terra e a diminuição da violência que se acirra sobre ela e sobre os corpos privilegiados a serem exterminados, sim, porque tem corpos que tem esse único privilégio. O que está em circulação são formas de governos dos corpos, da vida e também da produção de conhecimento. Uma tecnologia, seja ela para a segurança climática ou de uma sociedade em geral, não está descolada de um modelo de pensamento. Este modelo de pensamento traz um território, traz um corpo, traz uma vida e aquilo para o qual governa: eurocentrismo, racismo, patriarcalismo, sexismo, organizados no sul global como colonialidades.

Quando se começou a bater tambores na academia, não foi porque a academia precisava se “modernizar”, foi justamente porque era moderna e universal em demasia – isto é, comprometida com uma visão substancialmente eurocêntrica e imperialista do ser, do saber e do poder. Os tambores vieram, soando da periferia para o centro, para produzir um outro tipo de sonoridade, uma pluriversalidade, que justamente começou a desnudar as violências da relação entre tecnologia/segurança/pensamento/universalidade como respostas ao que nos desafiaria hoje. E nosso presente, nossos eventos climáticos, nossas desproteções às violências, têm nos colocado cada vez mais frente, não ao desenvolvimento de tecnologias capitalistas e de segurança (seguro de vida, de doença, de aposentadoria, da casa, do carro, de incêndios, de roubo, etc), mas às necessidades de alianças, de pactuações com lutas de não subalternização, de rodas/redes que fortaleçam as heranças ancestrais, localizadas, situadas na relação com a Terra e com o bem viver.

Sara Ahmed (2022) no seu livro “*Como viver uma vida feminista*” se interroga sobre as condições que se colocam para uma vida feminista, descolando-a, exclusivamente de um corpo-mulher, e posicionando-a na relação do corpo com o mundo:

Se nos tornamos feministas por conta das desigualdades e injustiças do mundo, por conta do que o mundo não é, então que tipo de mundo estamos construindo? Para construir moradas feministas, precisamos dismantelar o que já foi montado; precisamos nos perguntar contra o que *nós* nos posicionamos, a que *nós* somos favoráveis, com plena consciência de que este *nós* não é um alicerce pronto, mas algo pelo qual temos que trabalhar. Ao entender qual nosso propósito, entendemos também quem somos *nós*, esse significante esperançoso que constitui uma coletividade feminista. Onde existe esperança, existe dificuldade (Ahmed, 2022, p. 8).

A autora acrescenta a isso que um movimento, tal como pensa o feminismo ao qual se refere, é um coletivo, e um coletivo não está estacionado em um lugar, constitui-se por aquilo mesmo que é condição do que produz: o movimento. Assim, quando pensamos em uma rede voltada para o nosso presente, no campo das humanidades, seria como viver uma vida “feminista” na direção da interrogação sistemática daquilo que muitas vezes torna-se, inclusive, opaco/invisível de tão naturalizado, portanto, uma agitação permanente voltada para as injustiças e desigualdades sociais, a partir da experiência de um *nós* que as

epistemologias iorubás (Oyèrónké Oyěwùmí, 1997) propõem como condição para o ser e para o pensamento – eu sou porque nós somos, não existe um eu sem um nós, é na relação que se dá a condição para uma existência, considerando que esse nós implica conexões de humanos com não-humanos também.

E, assim, com essas inspirações e temática das violências e resistências voltadas para as questões que unem os estudos que se articulam com e pelo projeto: corpos/territórios/cidades e hospitalidades, a *Revista Polis e Psique* abre um espaço para continuarmos a coletivizar essas experiências no intuito de sustentar, não apenas divulgação de conhecimento, mas de fortalecimento de redes, afetos e lutas políticas. E aqui estão as histórias dessas experiências/experimentações que leitoras/leitores encontrarão no Dossiê, que começa no Chile, por acaso quando Valparaíso estava em chamas e finaliza no Rio Grande do Sul, quando as águas começam a baixar.

Como a inspiração da escrita desta apresentação se fez pelas violências e também pela poesia dos movimentos coletivos que Sara Ahmed (2022) nos propõe como composição de um nós, optamos pela montagem disparadora do texto “Corpos feminismos negros na escrevivência e interrogações à universidade”. Rosângela Jacinto Cabral, Aline Kelly da Silva e Simone Maria Hüning optam por uma política de escrita feita por corpos subalternizados de uma mulher negra intelectual pesquisadora e uma mulher negra moradora de rua que se encontram, provocando inversões e, portanto, descolonizações de ferramentas éticas, epistemológicas e políticas. Assim, o texto, ensaia-se para nos ajudar em movimentos de lutas contra violência de rua e universidade, fortalecendo outras intelectualidades situadas de corpos-políticos que constituem saberes-políticos.

O texto “Hospitalidade, memória e polifonia. Um itinerário” de Josemar de Campos Maciel, Flávia Cristina Albuquerque Palhares Machado e Lorene Almeida Tiburtino da Silva, encaminha o ensaio para a reflexão sobre o modo como a modernidade colonizou formas de hospitalidade de modo a negá-la e produzir a própria figura do hóspede excluído. O texto será, então, uma aposta em outras estratégias analíticas de hospitalidade, consideradas a partir de itinerários decoloniais que permitam gramáticas de excluídos, organizadas por ontologias feitas de memórias, experiências e existências a partir de uma ética incondicional da transitoriedade e da polifonia.

Esses manuscritos-manifestos de estratégias voltadas para outras políticas de escritas e produção de conhecimento fundamentais para as lutas políticas, resistências e transformações

sociais, que colocam em análise as violências das diferenças das desigualdades nos nossos cotidianos agora, na rede, são articulados aos textos que se voltam para situações temáticas de formas de viver. Esses texto-temáticos se voltam para a análise das estratégias do Estado constituídas por essas tecnologias de produção de morte, desigualdades e os mecanismos de segurança coloniais característicos do sul global.

José Francisco Sarmiento Nogueira escreve o texto “Os guarani e seus territórios: a invenção das fronteiras e seu confinamento”. Analisa o percurso do povo Guarani, principalmente no Estado do Mato Grosso do Sul, de modo a nos auxiliar a compreender as estratégias que a política de Estado-nação do Estado brasileiro produziu como modalidade de etnocídio. As imposições desse projeto de nação, coloca os Guarani em uma condição de confinamento a partir de estratégias de segurança. Trata-se de um confinamento distante de seu Tekoha tradicional, de suas condições de relação com a Terra e com o bem viver.

Essa modalidade de governo de vidas, no nosso presente, que se apoia em certas racionalidades e constitui modalidades de subjetivação, a partir das quais corpos são violados assim como a Terra, aponta para uma relação direta entre capital-prosperidade-liberdade-religião. Essa discussão é feita pelo dispositivo de catequização proposto por Camilla Fernandes Marques e Anita Guazzelli Bernardes no artigo “Políticas Públicas de Assistência Social: uma análise a partir das lógicas Neoliberais e Neopentecostais”. O texto discute, pela análise da Política de Assistência Social no Brasil, como o arranjo entre o neoliberalismo e o neopentecostalismo permitiu a emergência de outra modalidade de direito que não a cidadania de um Estado Social, mas do sujeito constituído por princípios neoliberais e neopentecostais.

Esperamos uma boa leitura e mais uma vez agradecemos à Revista Pólis & Psique pela oportunidade de compormos com ela essas formas de aliança de redes com o sul global.

Referências

- Ahmed, S. (2022). *Viver uma vida feminista*. São Paulo: Ubu Editora.
- Oyèwùmí, O. (1997). *The invention of women: making an African sense of western gender discourses*. Minneapolis: University of Minnesota Press.